

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA? – COMUNIDADE
2 de Outubro de 2024

VREMIENA GODA | TARVA YEGHNAKNERE / 1972
VREMENA GODA / "As Estações"

Realização, Argumento: Artavazd Pelechian / **Fotografia:** Mikhail Vartanov, Boris Ovsepian, G. Tchavuchian / **Som:** V. Kharlamenko / **Montagem:** A. Galstian / **Música:** *Le Quattro Stagioni*, Antonio Vivaldi, Dall'Abaco, música popular arménia / **Participaram no filme:** Tz. Akopdjianian, G. Martirossian, P. Airapetian, G. Ismaïlov, M. Melkonian, E. Pepanian, E. Achrafian, Ia. Gumachian, A. Tamarian / **Produção:** Yerevan Film Studio (URSS (Arménia), 1972) / **Cópia:** em 35mm, preto e branco, sem diálogos, intertítulos em russo / **Duração:** 29 minutos / **Primeira exibição na Cinemateca:** 4 de Julho de 1994, "Curtas-Metragens do II Festival de Vila do Conde".

um filme de Artavazd Pelechian

As Estações é exibido em conjunto com **Trás-os-Montes**, de António Reis e Margarida Cordeiro. Folha distribuída em separado.

Nota: Apresenta-se de seguida a tradução dos três intertítulos/cartões escritos em russo que pontuam o filme **As Estações**, sensivelmente aos 9' aos 18' e aos 26':

“... eu estou cansado...”

“... pensamos que noutra sítio é melhor...”

“É a tua terra...”

Artavazd Pelechian é autor de uma filmografia breve, mas magnífica, composta essencialmente por curtas-metragens de natureza documental, reveladoras de uma poética única e do poder transformador do cinema. Oriundo da Arménia, o cinema de Pelechian reflecte claramente a dura condição do seu povo, bem como uma profunda ligação à ex-URSS, no contexto da qual nasceu em 1938 e onde estudou cinema, sendo considerado como um dos últimos herdeiros da escola de montagem soviética. O início da sua obra cinematográfica remonta a meados da década de sessenta, o período em que frequentou o conhecido Instituto de Cinema de Moscovo, o VGIK, momento em que estabelece ainda as bases de uma reflexão teórica, que desenvolverá paralelamente à prática cinematográfica (os textos de Pelechian sobre cinema foram publicados pela primeira vez em 1988 em Erevan sob o título "Moe Kino" / "O Meu Cinema").

É desde o início clara a sua relação com a tradição clássica soviética da montagem, mas também a sua singularidade, como revela o seu conceito de “montagem à distância”, em que uma ideia de “contraponto” prolonga e contradiz as concepções de cineastas como Vertov, ou Eisenstein. No início dos anos oitenta, altura em que o seu cinema começou a ser conhecido no Ocidente, Serge Daney escreveu: "Trata-se de um trabalho sobre

montagem como eu achava que já não se fazia na URSS desde Dziga Vertov. Sobre, com e contra a montagem. Tenho subitamente o sentimento (agradável) de me encontrar face a um elo perdido da verdadeira história do cinema" (*Libération*, 11 de agosto de 1983)

Através de uma apurada manipulação das imagens de base com que trabalha, sejam elas as imagens de arquivo a que tanto está associado o seu cinema, ou imagens filmadas pelo próprio Pelechian (o caso muito particular de **As Estações**, mas também de **Vida e Fim**), o cineasta constrói verdadeiras estruturas corais que, dispensando a palavra, apontam para uma visão cósmica da vida e da História.

Constituído inteiramente por imagens registadas por Pelechian ao longo de dois anos na paisagem arménia, **As Estações** representa uma inflexão na sua obra ao convocar outras imagens que não as imagens de arquivo, que dominavam nos seus trabalhos anteriores. Mas o que sobressai em **As Estações**, para lá da beleza das suas imagens é a forma como elas são trabalhadas, que replica o modo como Pelechian trabalha também as imagens de arquivo através da montagem.

O modo como aborda a natureza e a sua mutação ao longo das quatro estações do ano e o trabalho dos camponeses que nela se inscrevem, reproduz a forma como abordava todas as outras imagens no sentido de produção de imagens ausentes, que emergem da relação das imagens existentes (e da sua relação com a portentosa banda sonora de vários filmes). Filmando gestos essenciais, Pelechian consegue através de uma montagem de que sobressai um movimento contínuo de queda dos corpos (os homens que descem um rio com os animais, os homens que arrastam os fardos de palha monte abaixo), produzir novas imagens dotadas de uma força única, em que o homem e natureza não podem ser dissociados.

Nos seus vários filmes, manipulando imagens através da repetição, da aceleração, da paragem, da ampliação ou repetição, Pelechian trabalha num crescendo de movimento e de turbulência que culmina num movimento único. Um filme resulta antes de mais de "uma composição de planos mantidos à distância". E, como o próprio escreveria ainda: "Para mim, a montagem à distância abre os mistérios do movimento do universo. Posso sentir como tudo é feito e colocado em relação; posso sentir o seu movimento rítmico". Se é óbvia a herança da escola da montagem soviética, é o próprio Pelechian que salientará as diferenças: "A montagem para Eisenstein era linear, como uma cadeia. A montagem à distância cria um campo magnético à volta do filme... Às vezes não chamo ao meu método 'montagem'. Estou envolvido num processo de criar unidade. Num certo sentido eliminei a montagem: ao criar o filme através da montagem, destruí a montagem. Na totalidade, no todo de cada um dos meus filmes, não há montagem, não há colisão, como resultado a montagem foi destruída. Para Eisenstein cada elemento possui um sentido. Para mim os fragmentos individuais não significam nada. Só o filme como um todo tem sentido".

Joana Ascensão